

UNIVERSIDADES EM REDES

Prof. Dr. Daniel Pansarelli
Universidade Federal do ABC

Tornou-se lugar comum falar ou escrever sobre quantas peculiaridades o ano de 2020 trouxe para nossas vidas. Seja na organização das questões pessoais, seja no âmbito das atividades profissionais - âmbitos, aliás, que passaram a tanto se misturar - todas nós tivemos que reaprender. Reaprender formas de contato, de conexão com as outras pessoas e com a sociedade, de ensinar e de aprender, de produzir e de difundir conhecimentos. Também, reaprender formas de, na Universidade, fazermos extensão e cultura, ensino, pesquisa e gestão.

Os mecanismos de comunicação remota foram acrescentados à vida real, material. Não se trata de manter a velha distinção, tão rígida, entre "real" e "virtual". Antes, passamos a usar os mecanismos virtuais como instrumentos para a conexão entre pessoas e instituições cujas atividades se davam e continuam se dando prioritariamente de forma presencial. Sem "virtualizar" tudo, nós nos tornamos mais "conectadas".

O novo cenário, de utilização dos recursos virtuais de comunicação por setores tão amplos das comunidades universitárias, também ensejou novas significações. A nossa comunicação passou a utilizar fortemente mecanismos virtuais para conversar com

estudantes e equipes executoras das nossas ações extensionistas e culturais; e também para dialogar com as próprias comunidades não-universitárias, que constituem o público-alvo da Extensão. Ou, dito de outra forma: reuniões que eram presenciais e se realizavam com as equipes executoras das ações extensionistas passaram a ocorrer virtualmente. E as próprias ações, como cursos, oficinas e eventos, envolvendo diretamente as comunidades externas, também passaram a ocorrer virtualmente. Ora, mas essa comunicação virtual, que agora nos permite manter as relações interpessoais e sociais com os grupos que nos são próximos, é a mesma comunicação que nos seria necessária para ampliar fortemente a abrangência territorial das nossas ações. As comunidades que anteriormente poderíamos alcançar com as nossas ações, em reuniões ou encontros presenciais, estavam circunscritas ao território físico em que a Universidade está inserida. No contexto atual, essa territorialidade passa por uma resignificação: temos a capacidade de alcance ampliada para o território nacional e mesmo para a desejada internacionalização da extensão. Mas como fazer isso sem perder o necessário lastro com o nosso território mais próximo, aquele que é a referência da nossa comunidade acadêmica como tal

e, portanto, é referência da própria identidade universitária? Ainda, como fazer esse transpassamento para outros territórios reais - por meio de ferramentas de comunicação virtual - sem perder a excelência, sem perder a dialogicidade, sem perder a sensibilidade e o compromisso com a transformação formativa dos nossos estudantes e com a transformação social, que são princípios tão caros à Extensão Universitária em geral e à UFABC em particular?

Ainda não há respostas absolutamente seguras e suficientemente testadas para essas questões, assim como ainda não há respostas análogas para alguns dos maiores desafios que nos têm sido impostos pelo contexto social atual. Mas temos - isso sim - importantes orientadores, que podem e devem ser bem utilizados para que não fiquemos totalmente à deriva nessa jornada.

Os documentos fundamentais da UFABC, em especial seu Plano de Desenvolvimento Institucional e seu Projeto Político Pedagógico Institucional explicitam os pilares sobre os quais a nossa Universidade é construída. São "cláusulas pétreas", que devem ser respeitadas em quaisquer momentos, inclusive nas adversidades. Aliás, são balizadores das nossas ações e das políticas institucionais que se mostram ainda mais relevantes nos momentos de crise, em que as decisões são mais desafiadoras e a margem de erros precisa ser reduzida, dada a gravidade das circunstâncias.

O entendimento e a valorização da Cultura também aparecem como uma sábia estratégia. Promover a produção e a difusão das manifestações culturais locais, como mecanismo para se fortalecer as identidades, os grupos identitários, em um momento em que o isolamento social se impõe como realidade, é uma necessidade. Para que continuemos nos reconhecendo como parte de um grupo,

de uma comunidade, de uma sociedade, a promoção e valorização da cultura são, sem dúvidas, um dos principais instrumentos de que dispomos, seja na Universidade em especial, seja na sociedade como um todo.

A participação em espaços institucionais de intercâmbio com as demais Instituições de Ensino Superior que enfrentam dilemas análogos tende a fortalecer e autorizar as ações de Cultura e Extensão. Assim que, no IV Fórum de Gestão Cultural das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (FORCULT), foram construídos documentos coletivos que também versam sobre a implementação de política cultural e planos de culturas nas IES.

Por fim, mas não menos importante, a atenção aos princípios da Extensão Universitária, consolidados pelo FORPROEX desde sua Política Nacional de Extensão Universitária e, posteriormente, acolhidos pelo Conselho Nacional de Educação, na resolução que estabeleceu as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. É preciso cuidar da característica dialógica que marca a prática extensionista entre nós. É preciso garantir que as ações visem a gerar impacto na transformação social e na transformação dos estudantes engajados. Também é preciso reforçar o caráter interdisciplinar e interprofissional da Extensão, contribuindo assim com os avanços, tão necessários, para novos modelos de educação superior no Brasil.

